

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE

Sociologia

PARA O NÍVEL MÉDIO

MÓDULO
1

COMISSÕES DE SOCIOLOGIA

- Comissão de Acompanhamento** Aparecida do Rocio Freitas
Cláudia Regina Santos de Almeida
Prof^o Eduardo Fernando Montagnari – Comissão de Avaliação
Prof^o Erlando da Silva Rêses – Comissão de autores
Prof^o Flávio Marcos Silva Sarandy
Prof^a Geovana Tabachi Silva – Comissão de leitores
Guilherme de Paula Martins
João Vicente Ribeiro Barroso da Costa Lima
Tânia Elias Magno da Silva
Kátia Morosov Alonso – UFMT
- Comissão de Avaliação** Prof^o Eduardo Fernando Montagnari – UEM-PR • ef.montagnari@uol.com.br
Prof^a Maria Regina Clivati Capelo – UEL-PR • capelo@sercomtel.com.br
Prof^a Tânia Elias Magno da Silva – UFS • taniamagno@uol.com.br
- Comissão de Autores** Prof^o Carlos Eugênio Soares de Lemos • eugenioleamos@hotmail.com
Prof^o Erlando da Silva Rêses • erlandoreses@uol.com.br
Prof^o Flávio Marcos Silva Sarandy • flaviosarandy@yahoo.com.br
Prof^o José Henrique Organista • organista@uol.com.br
Prof^o Mário Bispo dos Santos • mariobispo@hotmail.com
Prof^o Nelson Dacio Tomazi • ndtomazi@uol.com.br
Prof^a Shirlei Daudt Rodrigues Leal • shirleidaut@yahoo.com.br
Prof^a Kattia de Jesus Amin Athayde Figueiredo • amin@gmail.com
- Comissão de Leitores** Prof^a Cassiana Tiemi Tedesco Takagi • cassiana@uol.com.br
Prof^a Geovana Tabachi Silva • tabachi@uol.com.br
Prof^o Silvio Antonio Colognese • silviocolognese@ibest.com.br
- Coordenadores** Elisabeth Guimarães – janeiro de 2009 a julho de 2009
Nelson Dacio Tomazi – agosto de 2009 a dezembro de 2009
Flávio Marcos Silva Sarandy – janeiro de 2010 a agosto de 2010
- Coordenadores Adjuntos** Erlando da Silva Rêses – agosto de 2009 a dezembro de 2009
Mário Bispo dos Santos – janeiro de 2010 a agosto de 2010



CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE

Sociologia

PARA O NÍVEL MÉDIO

MÓDULO
1

Amaury C. Moraes
Erlando da Silva Rêses
Flávio Marcos Silva Sarandy
Mário Bispo dos Santos
Nelson Dacio Tomazi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Curso de especialização em ensino de sociologia : nível médio : módulo 1 / Amaury C. Moraes... [et al.]. -- Cuiabá, MT : Central de Texto, 2013.

Outros autores: Erlando da Silva Rêses, Flávio M. S. Sarandy, Mario Bispo dos Santos, Nelson Dacio Tomazi
Bibliografia.
ISBN 978-85-88686-81-5

1. Sociologia - Estudo e ensino 2. Sociologia - Formação de professores 3. Prática de ensino I. Moraes, Amaury C. II. Rêses, Erlando da Silva. III. Sarandy, Flávio M. S. IV. Santos, Mario Bispo dos. V. Tomazi, Nelson Dacio.

13-07117

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores de sociologia : Formação : Educação 370.71

<i>Produção editorial</i>	Central de Texto
<i>Editora</i>	Maria Teresa Carrión Carracedo
<i>Produção gráfica</i>	Ricardo Miguel Carrión Carracedo
<i>Projeto gráfico</i>	Helton Bastos
<i>Paginação</i>	Maike Vanni • Ronaldo Guarim
<i>Revisão para publicação</i>	Henriette Marcey Zanini
<i>Foto da capa</i>	Absolut Shutterstock



Núcleo de Educação Aberta e a Distância
Av. Fernando Corrêa da Costa, s/ nº
Campus Universitário – Cuiabá-MT
www.nead.ufmt.br – tel: (65) 3615-8438

Apresentação

Caro(a) cursista,

Este módulo tem três objetivos bem distintos mas interligados:

- ▶ autoanálise de sua formação e prática docente;
- ▶ compreensão da (e de sua inserção na) história da disciplina no ensino médio;
- ▶ compreensão dos fundamentos metodológicos e orientação quanto à prática didática.

Assim, para alcançar estes objetivos, o Módulo I ficou constituído por três disciplinas e 17 aulas e uma atividade de conclusão:

Este módulo, através de suas disciplinas e aulas, levando em conta seus objetivos, procura fazer uma ponte entre a sua experiência concreta e alguns elementos necessários para avaliar o seu cotidiano. É o momento de reflexão sobre sua prática e formação.

Há ainda uma proposta para que você possa trabalhar sobre a utilidade da Sociologia, pergunta sempre presente por parte dos alunos no ensino médio.

Este módulo está inserido no conjunto do curso e, como sendo inicial, deve desde já informar certas questões que acontecerão no final dele. Neste sentido, uma das alternativas para a confecção do TCC é você escrever a memória de sua formação e prática docentes. Assim, se você pretende fazer isso, desde a primeira disciplina você já pode ir pensando a respeito. Ao ler os textos e as reflexões sobre memória e formação e a prática docente, e ao escrever o trabalho de avaliação para as duas primeiras disciplinas, guarde muito bem o material produzido, pois ele pode ser um uma base para o seu futuro TCC.

Os autores.

Sumário

DISCIPLINA 1 | **Memória e Formação** **11**

Amaury C. Moraes • Nelson Dacio Tomazi

1ª Aula Memória, sociedade e formação 13

2ª Aula Sobre relatos orais e escritos 17

3ª Aula História de vida: método/técnica de investigação 23

DISCIPLINA 2 | **Memória e prática docente** **27**

Amaury C. Moraes • Nelson Dacio Tomazi

1ª Aula O professor e sua prática 29

2ª Aula Biografia, autobiografia, texto literário e filmes enfocando práticas docentes 35

3ª Aula Identidade profissional: dimensões pessoais e coletivas ... 39

DISCIPLINA 3 | **Ensino de Sociologia: história, metodologia e conteúdos** **43**

Unidade 1

História do ensino de Sociologia no Ensino Médio no Brasil

Erlando da Silva Rêses • Mário Bispo dos Santos

1ª Aula 1996-2009: Começando a contar a história pelo seu “final”. Agora é Lei, mas..... 47

2ª Aula 1891-1925: Uma sutil lembrança... 51

3ª Aula 1925-1942: Presente e debatida! 55

4ª Aula 1942-1983: 40 anos de solidão..... 59

5ª Aula 1983-1996: Uma volta tímida..... 61

Unidade 2

Fundamentos teórico-metodológicos e finalidades do ensino de Sociologia no Nível Médio

1ª Aula	O caráter político, científico e educacional da disciplina Sociologia	67
	<i>Flávio M. S. Sarandy</i>	
2ª Aula	Estranhamento e desnaturalização	71
	<i>Nelson Dacio Tomazi</i>	
3ª Aula	A imaginação e a apercepção sociológicas	77
	<i>Flávio M. S. Sarandy</i>	
4ª Aula	Vestibular X Mercado de Trabalho X Preparação para a Cidadania	85
	<i>Mário Bispo dos Santos</i>	
5ª Aula	Livros didáticos	95
	<i>Flávio M. S. Sarandy</i>	
6ª Aula	Recursos didáticos	105
	<i>Flávio M. S. Sarandy</i>	

Para concluir o Módulo I

111

Sociologia

P. Bourdieu

Sobre a ilusão
biográfica ou

Karl M

aut
im

p



Memória e formação

EMENTA:

Trata-se de investigar a autoformação do professor/cursista e possibilitar, ao mesmo tempo, que o mesmo entre em contato com uma ampla bibliografia sobre o tema e assuntos correlatos. Assim, o debate sobre biografias e autobiografias, construção de currículos, histórias de vida, biografias romanceadas, textos memorialísticos, entrevistas são referências básicas tanto quanto textos de natureza teórica que tratam da estrutura, sentido e razões da elaboração de biografias e autobiografias, bem como de suas relações com a vida do professor quando se toma a autobiografia como fonte de autoformação e reflexão sobre sua identidade pessoal e profissional. Textos crítico-metodológicos, no campo das Ciências Sociais, que trazem a discussão sobre as expectativas do método autobiográfico e das histórias de vida, dentre outros, completam a programação bibliográfica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBERT, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito da narrativa. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7. 1991.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Trad. Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996. p. 74-82.

BUENO, Belmira O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28/1, jan./jun. 2002. Revista da Faculdade de Educação/USP.

CANETTI, Elias. *A língua absolvida: história de uma juventude*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CATANI, D. B.; BUENO, B. Oliveira; SOUSA, C. P. de.; SOUZA, C. C. *Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

CATANI, Denice B.. Memória e biografia: “O Poder do Relato e o Relato do Poder” na História da Educação. In: GONDRA, J. Gonçalves (Org.). *Retratos da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, s/d.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1993.

NÓVOA, A.; FINGER, Mathias (Orgs.). O método (auto) biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Moderna, 1983.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 35. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2002.

REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

SOUSA, Cynthia P.; CATANI, Denice B. *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998.

OBJETIVOS:

- Elaborar um memorial de sua formação, ao mesmo tempo em que desenvolve uma reflexão a respeito dela.
- Conhecer as diversas formas do gênero memorialístico e a bibliografia pertinente.

Amaury C. Moraes • Nelson Dacio Tomazi

INICIANDO NOSSA CONVERSA

Como você pensa poder analisar a realidade para além do senso comum? Você teve uma formação sociológica que o capacita suficientemente para enfrentar este desafio? Como tem sido a sua prática docente?

É o nosso objetivo: que como professor de sociologia você possa fazer com que seus alunos passem a pensar e analisar a realidade social para além do senso comum.

Buscando responder às duas últimas questões, vamos traçar um caminho que possibilite você escrever um memorial sobre sua formação e prática docentes. O gênero “memorial”, ao contrário do que muitas vezes se imagina, pode ser uma referência importante para uma reflexão tanto sobre o passado – “minha formação” – como sobre o presente – “minha prática docente”.

Nesse sentido, as seis próximas aulas desenvolverão uma série de ações para que você possa refletir sobre a sua formação e prática docentes.

A proposta que trazemos é que você escreva o seu memorial, que será reescrito várias vezes a partir de subsídios (textos teóricos, textos memorialistas, filmes, músicas, iconografia), e que terá por finalidade favorecer não só aquela reflexão retrospectiva – passado/presente –, mas também levar a uma proposição sobre o futuro:

O que fazer para aperfeiçoar minha formação? O que fazer para aperfeiçoar minha prática docente?

PROPONDO OBJETIVOS

Ao final desta aula o(a) cursista deverá:

- ▶ Desenvolver uma reflexão sobre a construção de um memorial sobre a sua formação.
- ▶ Aprofundar os conhecimentos sobre os conceitos de memória, sociedade, formação e a relação entre eles.

CONHECENDO SOBRE

Memória

Ao falar de memória, pode parecer que se está querendo que você fique revirando seu passado, mas não! O que se pretende é que a escrita de seu memorial faça você rever sua trajetória levando em conta a sociedade em que viveu e vive, e que esta atividade permita que, ao rever sua trajetória, você possa elaborar uma reflexão sobre ela com os olhos e a percepção do presente.

Memória e sociedade

A memória pessoal é uma faceta de uma memória mais ampla que envolve a própria sociedade. Ou seja, toda sociedade tem uma memória e toda memória é individual e social ao mesmo tempo. Neste sentido, afirma Ecléa Bosi:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1983, p. 55).

Escrevendo sobre a relação entre memória e sociedade Nicolau Sevcenko também considera:

Um mundo comandado pela memória seria regido pela mais férrea das leis, a da repetição. Na verdade, a história é possível graças ao esquecimento muito mais do que graças à memória. (A lembrança deve ser, sobretudo quanto aos erros, para não repetir, e o esquecimento, sobretudo quanto aos sucessos, para não ficar limitado a eles). Isso evidencia a delicadeza e complexidade que deve envolver o balanço entre a memória e o esquecimento, a fim de que a dissolução de tudo o que é sólido signifique sempre um passo adiante no impulso moderno para a ampliação das liberdades e recursos de todos os homens.

(Folha de S. Paulo, 31/08/87, p. A-2)

Portanto, ao escrever seu memorial de formação, você estará reconstruindo parte de sua vida e da sociedade em que você vive.

Memória e formação

Memorial de formação.

O que é isso, afinal?

É algo simples. Você deve escrever tudo o que você lembra sobre sua formação escolar, cultural e acadêmica, ou seja, tudo o que você lembra que foi importante para sua formação intelectual, afetiva e profissional. Escrever um memorial envolve, é óbvio, vasculhar a memória pessoal e encontrar nela os elementos necessários para desvendar os fatos essenciais de sua formação.

Por *formação* entendemos todo o processo que nos leva ou conduz a uma maturidade, ou seja, nos tira da menoridade autoimputável e nos encaminha para uma dimensão onde podemos caminhar pelas nossas próprias pernas e ideias.

Toda a formação deveria instaurar no indivíduo a concretização de sua emancipação, ou seja, torná-lo autônomo para pensar e agir por conta própria, livrando-se de seus tutores e controladores. Isso permitiria uma autorreflexão e também a capacidade de desenvolver a autocrítica e a contestação da situação de subordinado.

Um memorial sobre a formação, além de ser um exercício de revisitar o período da aprendizagem escolar, implica também em passar em revista os momentos outros que foram importantes durante sua trajetória intelectual e cultural que está além do espaço escolar. As conversas, as vivências, os filmes, livros e músicas, enfim tudo aquilo que você recorda que lhe fez o que você é hoje. Este revisitar nos leva a uma autopercepção, a uma autoanálise sobre nossa vida.

Leia os textos abaixo observando as diferenças de estilos entre a fala de um professor e de um literato, ambos referindo-se à sua iniciação no universo escolar

A entrada na escola: as mãos da mãe e as da professora

“Escadas majestosas conduziam minha mãe e eu para o interior do colégio, enorme, limpo, imponente. Lembro-me das recomendações incessantes de minha mãe para que eu me comportasse, para que eu não chorasse..., dos funcionários de jaleco que circulavam pelo saguão e das pessoas cordiais que faziam sua vez por entre espaços corridos.

Corredor longo, frio e cinza... sou conduzida pela mão segura, firme, carinhosa, até o final do corredor. Escuto vozes de crianças ao longe. Que medo... quero voltar, mas já não posso, desta vez

é para valer.

Chegamos ao final do corredor, uma porta se abre, a luz surge clara e forte, as vozes já se fazem presentes. Aparece na porta a figura de uma professora, já idosa, cabelos na altura dos ombros, boca pequena, figura esguia e delicada. Sem sorrisos, me convida a entrar. Solto a mão da minha mãe, que neste momento me olha com expectativas, indagando: Será que desta vez ela irá ficar? Já foram tantas tentativas, muitas escolas, muitos acordos que não se cumpriram, e sempre o mesmo final: eu acabava vencendo sempre e voltava para casa, com lágrimas nos olhos, sorriso escondido no rosto e um grande alívio no coração. Pura felicidade retornar para casa de mãos dadas com minha irmã mais velha, vestir o short e correr para brincar na rua, puro êxtase!”

(OLIVEIRA *apud* CATANI & VICENTINI, 2006)

Infância e educação

“Meu pai tentou avivar-me a curiosidade valorizando com energia as linhas mal impressas, falhadas, antipáticas. Afirmou que as pessoas familiarizadas com elas dispunham de armas terríveis. Isto me pareceu absurdo: os traços insignificantes não tinham feição perigosa de armas.

Meu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça. Resisti, ele teimou – e o resultado foi um desastre. Cedo revelou impaciência e assustou-me (p. 106).

A notícia veio de supetão: iam meter-me numa escola. Já me haviam falado nisso, em horas de zanga, mas nunca me vencera de que realizassem a ameaça. A escola, segundo informações dignas de crédito, era um lugar para onde se enviavam as crianças rebeldes. Eu me comportava direito: encolhido e morno, deslizava como sombra. As minhas brincadeiras eram silenciosas [...]. A escola era horrível – e eu não podia negá-la, como negara o inferno. Considerei a decisão de meus pais uma injustiça”.

(RAMOS, 2002. p. 113-114)

Assista à primeira parte do *vídeo* que se refere à formação docente. Este vídeo deve servir como incentivo para que você inicie a escrita de seu memorial.

Memória e outras fontes

Lembre-se que existem várias formas de se recordar fatos vividos. Uma delas é o uso da *fotografia*. A maioria das pessoas possui fotos desde a infância que marcam algumas facetas de suas vidas. Revê-las, por certo, pode trazer lembranças, muitas vezes esquecidas, mas elas são certamente

documentos que marcam importantes momentos de nossas existências.

A *música* é outro exemplo. Além de nos fazer lembrar momentos marcantes, as canções podem evocar situações interessantes. A *música* de Aaulfo Alves – *Meus Tempos de Criança* –, por exemplo, faz isso, e para o nosso objetivo destacamos aquele trecho em que ele canta: “*Que saudade da professorinha que me ensinou o beabá*”. Você pode ouvir toda a música seguindo o link: <<http://www.youtube.com/watch?v=XePFellKGzg&NR=1>> ou então em <http://www.youtube.com/watch?v=i5_bddHyt1M>

No cinema há muitos filmes que tratam da questão da memória. Um filme brasileiro recente, bem realizado, intitulado *Os narradores de Javé*, de Eliane Caffé, é um bom exemplo. Nele estão postas questões importantes sobre a construção da memória de um vilarejo prestes a ser invadido pelas águas de uma barragem em construção. Para uma discussão sobre o filme recomendamos a leitura do artigo *Narradores de Javé: a memória entre a tradição oral e a escrita*, de Maria Aparecida Bergamaschi, que pode ser encontrado em: <www.museu.ufrgs.br/admin/artigos/arquivos/NarradoresJave.doc>.

Na *literatura* há muitos livros, contos e crônicas que tratam da questão, como você pode ver nesta aula e seguirá acompanhando nas seguintes. Para tanto, fica a recomendação de uma leitura atenta do conto de Machado de Assis, *A Teoria do Medalhão*, disponível em:

Link: <<http://www.dominio publico.gov.br/download/texto/bv000232.pdf>>.

O trabalho agora é analisar como o referido conto pode ser utilizado para se entender a questão da formação. Lembre-se que Machado utiliza-se da ironia para criticar o que os pais da classe dominante de então procuravam para os seus filhos.

CONHECENDO MAIS SOBRE

Memória, sociedade e formação

a Para entender um pouco mais a relação entre memória e sociedade e identidade e o trabalho de professor você pode ler os dois textos abaixo ↓

- POLLAK, Michael. Memória e identidade social: *Estudos Históricos*. v. 5, n. 10. Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.

Link: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>

- VIANNA, Nildo. Memória e sociedade: uma breve discussão teórica sobre memória social. *Revista Espaço Plural*. v. 7, n. 14. 2006.

Link: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/483/0>

b Sobre memória e formação docente você pode ler os dois textos abaixo ↓

- No link <<http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/proesf-memorial.html>> existem várias monografias sobre memórias de professores. Neste momento, leia apenas a monografia de Iracema Gonçalves Sitta. Ela servirá de apoio para você começar a escrever seu memorial de formação:

Link: http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/proesf-memoriais2005/iracemaGSitta_MemorialFormacao.pdf

- Memorial de formação – Quando as memórias narram a história da formação... Guilherme do Val Toledo Prado e Rosaura Soligo.

Link: http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesf-memorial_GuilhermePrado_RosauraSoligo.pdf

c Aqui você poderá ter as indicações mais precisas de como escrever seu memorial de formação ↓

- Memorial de formação – Registro de um percurso. Ana Lúcia Guedes-Pinto.

Link: <http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesf-AnaGuedes.pdf>

d No site abaixo você encontrará um memorial muito simples e um exemplo clássico ↓

- Memorial do Prof. Maurício Tragtenberg

Link: http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesf-Memorial_Tragtenberg.pdf

COMO VIMOS NESTA AULA...

Por ser a primeira aula, você teve aqui seu primeiro contato com esta discussão sobre memória, sociedade e formação. Assim, você pode perceber que existe uma série de conceitos e análises sobre o tema. Além disso, indicamos algumas das fontes utilizadas para se trabalhar estas questões, como a fotografia, a música, a literatura e o cinema.

► Como primeira atividade de avaliação, você deve escrever a primeira versão de sua *Memória de formação*, levando em conta todas as leituras e indicações propostas. Como esta disciplina compreende três aulas, você deverá revisar seu texto no final das aulas seguintes.

► Utilização em sala de aula

Aproveitando essas leituras e reflexões sobre um memorial e sobre memória e formação, você pode propor a seus/suas aluno(a)s que escrevam sobre como aprenderam a ler e a escrever. Se você necessitar de uma ideia sobre como realizar essa atividade, vale a pena ler trechos do texto de Paulo Freire, *A importância do ato de ler*, que pode ser acessado em:

Link: <<http://joelteixeira.net/2008/10/paulo-freire-a-importancia-do-ato-de-ler/>>;

ou no livro do autor:

- *A importância do ato de ler* (em três artigos que se completam). 26. ed. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1991. 96 p. (Coleção Polêmicas do nosso tempo)

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

GOMES, Marcilene Popper. Voos da memória: outros caminhos para entender o presente. Capítulo 1 da Dissertação: *Memórias e vida escolar: relatos de formação de professoras da educação infantil*. Brusque/SC. Disponível em: <http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=761>. Acesso em: 26 jan. 2009

NUNES, Célia Maria F.; CUNHA, Maria Amália de A. *A "escrita de si" como estratégia de formação continuada para docentes*. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/050/50pc_cunhanunes.htm>. Acesso em: 26 jan. 2009.

OLIVEIRA, Márcia Michelin de. A entrada na escola: as mãos da mãe e as da professora. In: CATANI, Denice B.; VICENTINI, Paula P. *Formação e autoformação: saberes e práticas nas experiências dos professores*. São Paulo: Escrituras, 2006.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 35. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2002.

SEVECENKO, Nicolau. Memória e esquecimento. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 31 ago. 1987. p. A-2.

VASCONCELOS, Geni A. N. (Org.). *Como me fiz professora*. Rio de Janeiro: DP & A, 2000. 149 p.

INICIANDO NOSSA CONVERSA

Na aula anterior vimos questões mais gerais sobre memória e formação. Nesta vamos apresentar alguns esclarecimentos necessários para que não se confundam os vários tipos de relatos orais ou escritos com o memorial que queremos que você escreva ao final desta disciplina.

PROPONDO OBJETIVOS

Ao final desta aula o(a) cursista deverá:

- Diferenciar os vários tipos de relatos orais e escritos, como biografia, autobiografia, *curriculum vitae* e biografia romanceada, para que não sejam confundidos com o memorial de formação.

CONHECENDO SOBRE

História oral

É o relato que um pesquisador toma sobre a vida de um indivíduo, tentando reconstituir os acontecimentos por ele vivenciados bem como a experiência que ele adquiriu e pode transmitir. Assim, toda história de vida implica um conjunto de depoimentos numa longa sequência.

Depoimentos pessoais

É o relato, ou o depoimento, de um ou mais indivíduos sobre um determinado evento e sua participação nele. Por exemplo, a participação do depoente em um evento político, esportivo ou festivo.

Relacionando com a aula anterior, você pode muito bem ver a diferença entre estes tipos de relato e um memorial de formação.

Gênero memorialístico: Memorial e Curriculum vitae

O gênero “memorial”, ao contrário do que muitas vezes se pensa, pode ser uma referência importante tanto para uma reflexão sobre o passado – *minha formação* –, quanto sobre o presente – *minha prática docente*.

Percebe-se que as leituras propostas e a elaboração do memorial não visam somente a um enriquecimento teórico, que seria importante no que se refere à formação continuada, mas também a uma intervenção do próprio professor-cursista nessa formação e na própria prática docente.

Curriculum vitae

Há uma estreita relação entre memorial e *curriculum vitae*, que a partir de agora chamaremos de currículo. O currículo pode ser entendido como percurso, e normalmente é solicitado quando vamos procurar emprego. Assim, o currículo é apresentado como uma síntese do que fizemos e que *interessa* ao que nos propomos fazer. Não está tudo ali, por isso a ideia de *curriculum vitae*, como sendo um repositório de tudo o que aconteceu na nossa vida, é falsa. Fazemos escolhas e orientamos o currículo para aquilo que pretendemos atingir, sobretudo, impressionar ou ser o mais objetivo possível, para não incomodar e com isso causar má impressão em quem está nos selecionando. Fazemos uma seleção, pois queremos ser selecionados. Nele, portanto, não estão presentes, por exemplo, os momentos de divergência ou mesmo de crítica em relação ao *status quo*; não estão presentes, muitas vezes, aparentes “fracassos”. Conduzimos o olhar do leitor para que se fixe em alguns pontos que devem nos render “algo mais”. Mas, de um modo geral, já existem currículos padronizados, de forma que nem sempre podemos intervir muito. Muitas instituições pedem, inclusive, que indiquemos apenas os últimos dois ou três

anos, para que não recebam um calhamaço de papéis e informações inúteis para elas.

Você já enviou currículo para alguma empresa ou órgão governamental? Que resposta recebeu?

Eis algumas referências históricas e etimológicas sobre a palavra currículo: as primeiras menções de que se tem notícia do ato de se registrar competências e feitos reporta ao antigo Egito. Há cerca de 3.500 anos, artistas e estudiosos já possuíam o relato de seus feitos registrados em papiro ou pedra, e guerreiros, premiados por sua distinção, ganhavam o direito a um padrão de vida superior ao da classe operária.

O nome “*Curriculum*” vem do latim “*Curriculum Vitae*”, que quer dizer “história escrita da vida”, ou simplesmente ‘carreira da vida’, um registro da sua história profissional. Como curiosidade, o plural de “*Curriculum*” é “*Curricula*”, e não “*Curriculum*” como alguns talvez pensem, pois o plural da terminação “um” em latim exige o “a” no final.

Mesmo sendo chamado por muitos por apenas “CV”, seu nome em língua portuguesa passou a ser “currículo”, e este sim é flexionado no plural (“currículos”). Vejamos como alguns dos grandes dicionários da língua portuguesa se referem a ele:

- ▶ *cur.ri.cu.lum vi.ta.e sm* (lat.) – Conjunto de dados pessoais, educacionais e profissionais de quem se candidata a um emprego ou a um curso de pós-graduação de uma universidade. [Dicionário Michaelis]
- ▶ *curriculum vitae* (lat.) s. m. – carreira da vida (indicações biográficas, acadêmicas e profissionais). [Dicionário Universal]
- ▶ *curriculum vitae* [lat., ‘carreira da vida.’] – Conjunto de dados concernentes ao estado civil, ao preparo profissional e às atividades anteriores de quem se candidata a um emprego, a um concurso, etc. [Pl.: *curricula vitae*.] [Dicionário Novo Aurélio]
- ▶ *Curriculum Vitae* – Conjunto de dados concernentes ao estado civil, ao preparo profissional e as atividades anteriores de quem se candidata a um emprego, a um concurso, etc... [Enciclopédia Barsa Planeta]
- ▶ *curriculum vitae*. – Breve relato escrito da história passada de uma pessoa, geralmente usado para apoiar um pedido de emprego. Poderia ser sinônimo de *résumé* – termo francês equivalente a “resumo”, que é uma breve listagem de um candidato a emprego, relativo à sua experiência de trabalho, educação, dados pessoais e outras informações pertinentes. [Dicionário Michaelis Executivo]

Disponível em: <<http://mediugorie.spaces.live.com/blog/cns!1E5807A6D5723860!1440.entry>>

Biografia e autobiografia: fontes para a autorreflexão

Por que será que as biografias fazem tanto sucesso de público?

Biografias e autobiografias possuem elementos que acabam por atrair o público, muitas vezes mais do que a própria literatura de ficção. Talvez se deva ao fato de se proporem como *relatos verdadeiros*, e isso atinge aqueles que gostam de narrativas que não simulam a *vida real*, mas a descrevem *tal e qual* aconteceu. No entanto, muitas celebridades acabam por contratar escritores profissionais – literatos ou não – para escreverem suas biografias. São os assim chamados *ghost-writers*. Fazem isso porque não se sentem com capacidade de escrever de modo atrativo e percebem que a simples transcrição dos fatos de sua vida não daria uma obra que atraísse o público. Seria necessário escrever a história de sua vida, mas com elementos extra-factuais que dessem colorido, que a tornassem mais palatável, mantendo a atenção do público, de onde se percebe que não é só a história – o enredo – que interessa, mas “algo mais”. Um estilo de escrita.

O que torna uma biografia ou mesmo uma autobiografia uma obra eficiente – que atinge um grande público, que cai no gosto das pessoas –, então, não é somente a *verdade dos fatos*, mas isso aliado a certa forma de escrita: o domínio de conhecimentos estilísticos, de figuras de linguagem, de dispositivos de organização do discurso, etc. E nem sempre uma vida interessante e o domínio desses conhecimentos coincidem na mesma pessoa: pode-se ser um bom personagem e ter uma boa história, mas nem sempre se é um bom autor... Assim, a autobiografia depende dessa feliz coincidência.

Biografia romanceada: história e literatura

Temos encontrado na literatura um grande número de autores que, a certa altura da vida, resolvem passar do campo estrito da ficção para o campo da não ficção (uma denominação eleita, porque não queremos cair no equívoco de dizer “documentação” ou “da realidade” ou coisa parecida...). São livros de memória ou produções que buscam explicar as circunstâncias em que viveu um autor. O resultado beneficia-se das virtudes literárias do autor, e, nesse sentido, tais textos podem ser tomados como parte de suas obras. Caso particular é Graciliano Ramos, para quem alguns livros passaram a integrar suas “obras completas”, como *Memórias do Cárcere* e, antes, *Infância*. Se o primeiro compreende um depoimento-denúncia sobre o que acontecia nas prisões brasileiras durante a ditadura Vargas, o segundo contribui para ilustrar o que vimos discutindo até aqui: é um exemplar de *memória da formação*. Não fosse o caráter não ficcional da obra e ela poderia estar con-

tida no gênero *romance de formação*. Nesse caso, o exemplar mais conhecido na tradição é a obra de Goethe, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, que marca, junto com outras obras do autor, o início do romantismo. No Brasil, outra obra importante que traz essa característica de ser um romance de formação é *O Ateneu*, de Raul Pompéia.

Comentando os *romances de formação*, Bárbara Freitag recorre a uma tipologia do romance presente em Bakhtin, para quem ‘há um princípio estruturador básico, que vincula o herói à trama... o aprendizado’. Segundo ela, a importância do romance de formação ou de aprendizado é a seguinte: ‘condensa em um romance singular, simultaneamente, os elementos centrais de cada um dos tipos...: a viagem, as provas, o relato biográfico e o aprendizado’.¹

(MORAES, Amaury Cesar. A ideia de formação no romance *O Ateneu* de Raul Pompéia. In: DIETZSCH, Mary Júlia Martins (Org.). *Espaços da Linguagem na Educação*. São Paulo: Humanitas, 1998)

Investigar a memória de professoras e professores sobre seus primeiros tempos de escola constitui uma tentativa de captar semelhanças e diferenças nos seus modos de rememoração. A escrita da memória escolar que, em geral, é a parte que inaugura os livros memorialísticos, não é um gênero novo no campo literário. Um rápido olhar sobre como alguns dos grandes autores de nossa literatura descreveram suas primeiras experiências escolares funciona como preâmbulo aos relatos de nossos professores (SOUSA, 1998b, p. 38).

Memorial

O memorial é um tipo de texto diverso do currículo, mas guarda com este uma relação, como dissemos, intensa. Alguns definem o memorial como sendo um currículo comentado. Mas a ideia de memorial é mais ampla. Na literatura aparecem muitos exemplos de memorial, de que podemos citar um famoso, o *Memorial de Aires*, escrito por Machado de Assis. É um texto de ficção, em que o velho Conselheiro Aires retoma os anos mais recentes de sua vida; já viúvo, ele relata a história de vários personagens com quem conviveu, registrando também, paralelamente, a História do Brasil dos anos finais do Império. Há quem diga que, apesar de ficção, o *Memorial de Aires*, uma das últimas obras do escritor, traz na verdade algumas das memórias de Machado de Assis, também ele já, a esta altura, viúvo. Publicado em 1908, ano da morte do escritor, é de certa forma um testamento em que ele projeta, no casal Aguiar, muito do que vivera com sua Carolina, reconhecida no romance na personagem dona Carmo.

¹ Cf. FREITAG, B. Literatura e Educação: os conteúdos pedagógicos dos ‘romances de formação’. In: *O INDIVÍDUO em formação: diálogos interdisciplinares sobre educação*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 66-91. [Coleção Questões de nossa época, v. 30].

Esta referência que fazemos aqui ao texto ficcional de Machado de Assis visa à compreensão de que o memorial, na medida em que é uma reconstrução do currículo de modo comentado, acaba por ser um texto que tem certas características literárias. O autor acaba reelaborando seu próprio passado, não pondo em papel e tinta senão uma impressão que ele mesmo teve desse passado. Não se quer dizer com isso que se trate de mentiras, fábula; mas na reconstrução do passado, em que se confundam autor e personagem, não há mais distanciamento e objetividade para que este passado seja descrito tal e qual aconteceu. Assim, ao retomar uma linha de seu currículo e ter de comentá-lo, o autor busca estabelecer conexões que, à época, nem havia pensado. O memorial é uma volta ao passado e uma reconstrução desse passado, e, se nem tudo que faz parte da vida foi pensado de antemão, pois muitas coisas “aconteceram”, no memorial, sobretudo se baseado no currículo, as coisas têm de ter sentido e o autor acaba por dar-lhes sentido, nem sempre de acordo com o que realmente aconteceu. Há mais uma tentativa de dar lógica aos fatos do que retomá-los na sua verdadeira natureza temporal – sequências quase arbitrarias. Por fim, o memorial pode ser uma idealização do passado, onde se recusa o indeterminado.

Memorial de Aires

1888

9 de janeiro

Ora bem, faz hoje um ano que voltei definitivamente da Europa. O que me lembrou esta data foi, estando a beber café, o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores: “Vai vassouras! Vai espanadores!”. Costumo ouvi-lo outras manhãs, mas desta vez trouxe-me à memória o dia do desembarque, quando cheguei aposentado à minha terra, ao meu Catete, à minha língua. Era o mesmo que ouvi há um ano, em 1887, e talvez fosse a mesma boca.

Durante os meus trinta e tantos anos de diplomacia, algumas vezes vim ao Brasil, com licença.

O mais do tempo vivi fora, em várias partes, e não foi pouco. Cuidei que não acabaria de me habituar novamente a esta outra vida de cá. Pois acabei. Certamente ainda me lembram cousas e pessoas de longe, diversões, paisagens, costumes, mas não morro de saudades por nada. Aqui estou, aqui vivo, aqui morrerei.

7 de maio

O ministério apresentou hoje à Câmara o projeto de abolição. É a abolição pura e simples.

Dizem que em poucos dias será lei.

13 de maio

Enfim, lei. Nunca fui, nem o cargo me consentia ser propagandista da abolição, mas confesso que senti grande prazer quando soube da votação final do Senado e da sanção da Re-

gente. Estava na Rua do Ouvidor, onde a agitação era grande e a alegria geral.

Um conhecido meu, homem de imprensa, achando-me ali, ofereceu-me lugar no seu carro, que estava na Rua Nova, e ia enfileirar no cortejo organizado para rodear o Paço da cidade, e fazer ovação à Regente. Estive quase, quase a aceitar, tal era o meu atordoamento, mas os meus hábitos quietos, os costumes diplomáticos, a própria índole e a idade me retiveram melhor que as rédeas do cocheiro aos cavalos do carro, e recusei. Recusei com pena. Deixei-os ir, a ele e aos outros, que se juntaram e partiram da Rua Primeiro de Março. Disseram-me depois que os manifestantes erguiam-se nos carros, que iam abertos, e faziam grandes aclamações, em frente ao Paço, onde estavam também todos os ministros. Se eu lá fosse, provavelmente faria o mesmo e ainda agora não me teria entendido... Não, não faria nada; meteria a cara entre os joelhos.

Ainda bem que acabamos com isto. Era tempo. Embora queimemos todas as leis, decretos e avisos, não poderemos acabar com os atos particulares, escrituras e inventários, nem apagar a instituição da História, ou até da Poesia. A Poesia falará dela, particularmente naqueles versos de Heine, em que o nosso nome está perpétuo. Neles conta o capitão do navio negreiro haver deixado trezentos negros no Rio de Janeiro, onde “a casa Gonçalves Pereira” lhe pagou cem ducados por peça.

Não importa que o poeta corrompa o nome do comprador e lhe chame Gonzales Perreiro; foi a rima ou a sua má pronúncia que o levou a isso. Também não temos ducados, mas aí foi o vendedor que trocou na sua língua o dinheiro do comprador.

Machado de Assis

➔ **Dica:** Para ler todo o Memorial de Aires, consulte em:

Link: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000025.pdf>>.

Observe que o Conselheiro Aires mistura coisas pessoais com aquelas que dizem respeito ao público em geral. Ao referir-se, num momento, à abolição da escravatura, ele fala da recepção imediata dada pelo público à lei e, depois, fala da inevitável permanência da instituição no imaginário social brasileiro.

Transcreva essas referências e procure explicar a razão dessa aparente contradição.

Por que dizemos que num memorial, público e privado, individual e coletivo se relacionam intensamente?

Leia também, a título de aprofundar sua formação, o conto de Machado de Assis, *Pai contra mãe*, em:

Link: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf>>.

CONHECENDO MAIS SOBRE

Relatos orais e escritos...

Para conhecer um pouco mais sobre a questão da formação e seus relatos na forma de um memorial e de outros relatos, propomos as leituras seguintes. Elas são importantes para que depois você possa reescrever o seu memorial.

a Leia o artigo “*Curriculum mortis* e a reabilitação da autocrítica” de Leandro Konder. Nele, Konder problematiza o *curriculum vitae*, afirmando que no CV escrevemos somente aquilo que deu certo em nossa vida, por isso ele é expressão de uma visão triunfalista da vida e, assim, é uma visão parcial do que vivemos, e isto nos leva a não desenvolver a autocrítica ↓

- *Curriculum mortis* e a reabilitação da autocrítica.

Link: <http://www.socialismo.org.br/portal/filosofia/155-artigo/256-o-curriculum-mortis-e-a-reabilitacao-da-autocritica->

b Sobre a ilusão biográfica ou autobiográfica é importante lembrar uma entrevista de Roger Chartier, na qual ele afirma que Pierre Bourdieu faz a crítica a este tipo de narrativa, onde uma vida é tratada como uma trajetória de coerência, quando se sabe que em nossas vidas multiplicam-se os azares, as casualidades, as oportunidades. Ainda, outro aspecto a destacar é pensar que as coisas que parecem ser muito originais, singulares, pessoais são, na verdade, frequentemente, experiências coletivas, compartilhadas com as pessoas de uma mesma geração. Ao fazer um relato autobiográfico é quase impossível evitar cair nesta dupla ilusão: ou a ilusão de singularidade das pessoas frente às experiências compartilhadas ou a ilusão da coerência perfeita numa trajetória de vida. Se a entrevista de Roger Chartier despertou sua curiosidade ↓

- Entrevista de Roger Chartier.

Link: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2479,1.shl>.

c Além disso, se tiver acesso ao livro de Pierre Bourdieu: *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996; leia o texto “A ilusão biográfica”, p. 74-82.

d Os dois textos abaixo podem esclarecer e encaminhar melhor a discussão sobre um memorial de formação de modo mais denso: ➔

- “Histórias de vidas de professores: apontamentos teóricos”, de Roseli Araújo de Barros Costa e Tadeu Oliver Gonçalves.
Link: <http://www.espacoacademico.com.br/064/64costa.htm>
- Para uma visão psicanalítica sobre a formação e prática dos professores, o texto abaixo pode ajudar muito na compreensão deste processo: “Memória educativa: um elo entre o passado e o presente do *ser professor*”, de Thaís Sarmanho Paulo e Sandra Francesca Conte de Almeida.
Link: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSCO000000032007000100071&script=scj_arttext

COMO VIMOS NESTA AULA...

Você pôde perceber que existem várias formas de se narrar as memórias e histórias de formação, bem como a diferença entre memorial, *curriculum vitae*, biografia, biografia romançada e um memorial de formação. Eles são elementos importantes para você escrever o seu memorial de formação e utilizar em sala de aula.

ATIVIDADE DE AVALIAÇÃO

- 1 Leia o texto abaixo e destaque, pelo menos, três aspectos importantes na construção de autobiografias. Justifique sua resposta.

Autobiografias, mesmo as menos sofisticadas, envolvem elementos de estilização. Ao transformar experiência em linguagem, a narração autobiográfica injeta a experiência com significado. A necessidade de autoconhecimento, o desejo de estabelecer uma única identidade e a urgência em interpretar a vida – todas estas razões contam para o impulso autobiográfico. Com o objetivo de tratar a si mesmo como um objeto narrativo, o autor deve selecionar os fatos que ele ou ela lembra para reconstruir a unidade de sua vida. O autor deve também impor uma ordem a esses eventos, dando-lhes coerência, bem como a criação de seu imaginário.

(GILLAIN, Anne. The script of delinquency. In HAYWARD, S.; VINCENTEAU, G. *French films: texts and contexts*. Tradução Sandra Lima Routledge: Nova York, 2000. p. 142).

2 Reescrevendo a sua Memória e Formação

Neste momento, você chegou ao final da segunda aula sobre Memória e Formação, e como você já escreveu um primeiro ensaio sobre a memória de sua formação, após ler os textos indicados acima procure reescrevê-la, levando em conta estas novas reflexões.

- 3 Você pode convocar os alunos para contar a história da escola ou do bairro e até da cidade, utilizando as ferramentas aqui apontadas. Por exemplo, pode pedir para que façam um painel com notícias e fotografias e produção própria dele(a)s, procurando desenvolver neles a ideia de pertencimento a um lugar (escola, bairro ou cidade).

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Trad. Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996. p. 74-82.

FREITAG, B. Literatura e Educação: os conteúdos pedagógicos dos ‘romances de formação’. In: *O indivíduo em formação: diálogos interdisciplinares sobre educação*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 66-91. [Coleção Questões de nossa época, v. 30].

KONDER, Leandro. *Curriculum mortis e a reabilitação da autocrítica*. Disponível em: <<http://www.socialismo.org.br/portal/filosofia/155-artigo/256-o-curriculum-mortis-e-a-reabilitacao-da-autocritica>> Acesso em: 19 jun. 2009.

MORAES, Amaury Cesar. A crítica do discurso pedagógico no romance *O Ateneu*: um caso exemplar. Parte da tese de doutorado – Capítulo III: *Uma crítica da razão pedagógica*. São Paulo: FE-USP, 1997.

MONTAGNARI, Eduardo Fernando. Dois textos e um exemplo. Para leitura e discussão.

➔ **Obs.:** Os dois textos acima – Moraes / Montagnari –, estão à disposição do(a)s cursistas no portal do professor – MEC. Os autores já concordaram com esta utilização.

História de vida: método/técnica de investigação

Amaury C. Moraes • Nelson Dacio Tomazi

INICIANDO NOSSA CONVERSA

Escrever biografias ou histórias de vida é uma tarefa que pode ser realizada por qualquer pessoa que saiba escrever e tenha paciência para ouvir ou se recordar. Mas quando estamos falando do ponto de vista sociológico, é necessário que olhemos a construção de histórias de vida como um método de investigação.

Na aula anterior já vimos as diferenças entre as várias formas de expor os relatos orais. Agora vamos ver como é possível utilizar num processo de pesquisa que pode envolver os seus alunos em sala de aula.

PROPONDO OBJETIVOS

Ao final desta aula o(a) cursista deverá:

- ▶ Reconhecer que a técnica de história de vida é uma das possíveis formas de se fazer pesquisa, principalmente na área da educação.
- ▶ Poder utilizar este método/técnica no desenvolvimento de suas aulas na escola em que trabalha.

CONHECENDO SOBRE

História de vida: método de investigação

A utilização de relatos orais nas ciências sociais ocorre quase desde o seu início. Os primeiros a se utilizarem desse expediente podem ser chamados de precursores desta metodologia/técnica de pesquisa. Isso aconteceu já no início da década de 1920, quando Florian Znaniecki e William I. Thomas utilizaram relatos orais no seu famoso estudo sobre os campo-

neses poloneses na Europa e na América. Depois deles, muitos outros passaram a utilizar o mesmo recurso.

No Brasil, Oracy Nogueira, Roger Bastide, Renato Jardim Ribeiro, Florestan Fernandes e Maria Isaura Pereira de Queiroz, na década de 1950, escreveram trabalhos, onde, além de recorrer aos relatos, escreveram sobre a técnica e os cuidados necessários para utilizá-lo de modo adequado ao conhecimento científico.

Na Educação...

Há pouco mais de duas décadas, os estudos de história da educação e de didática abriram uma frente nova de pesquisas. Romperam com a tendência à psicologização da didática e passaram a entender a formação do professor como um processo não exclusivamente determinado pelo individual e, portanto, como um fenômeno psicológico. Perceberam que a formação do professor (como de resto a de todos os profissionais) é produto de uma construção coletiva que envolve representações sociais (como as que dizem respeito à carreira, por exemplo). As biografias e autobiografias já existentes levaram à busca de metodologias próprias para a pesquisa sobre a formação de professores. Assim, a história oral – uma metodologia de pesquisa explorada nos estudos de História, de Sociologia e de Psicologia Social – contribuiu muito para o trabalho de pesquisadores do campo da educação. Percebeu-se, também, que nos relatos autobiográficos os depoentes mantinham com o passado uma relação dialética: não era uma coisa morta, ou, por outro lado, não era uma coisa acabada, cuja narração era trivial. Contar o passado acabava sendo uma revisão do presente e mesmo uma tomada de posição sobre o futuro. O passado não era, no entanto, dominante de modo a determinar inevitavelmente o presente e o futuro: havia, na verdade, um diálogo entre os três tempos da vida do narrador, de modo que a elaboração do passado se oferecia como um trabalho a ser realizado (aliás, como a própria palavra originalmente indica – elaborar/laborar/labor).

Leia os textos abaixo e responda à questão apresentada em seguida:

O significado da metodologia da história oral e dos relatos autobiográficos está na oportunidade não só de buscar imagens instituídas dos professores em relação à sua formação, à sua escola profissional, à sua performance numa sala de aula, mas também, por meio das imagens do passado, não no sentido de ficar preso a ele, mas de poder recriar estas imagens de professor que marcaram e que ficaram registradas na sua memória.

As representações de si, recolhidas no passado, mostram no processo de formação do professor situações, pessoas, eventos ou acontecimentos significativos que trazem as imagens do passado ao momento presente.

Este trabalho de rememoração nem sempre ocorre de forma consciente.

(OLIVEIRA, Valeska Fortes de *et al.* Imagens, docência e histórias de vida. In: II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Atas – v. 2. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1998)..



Quando você pensa em “professor”, que imagens vêm à sua cabeça?

Um aspecto importante da autobiografia é a conquista da identidade. Mas é importante destacar que essa identidade não significa a construção de um perfil pessoal, que até pode aparecer nas entrelinhas – as escolhas pessoais. A autobiografia passa pela opção profissional, e esta tem uma dimensão social muito profunda. São muitas vezes as representações sociais de uma profissão que acabam nos levando a escolhê-la. Veja-se, por exemplo, que carreiras como *modelo* ou *ator/atriz* – já que uma pode se transformar na outra – atraem tantos jovens: há imagens ou representações dessas carreiras que as vinculam com sucesso, fama, dinheiro, *glamour*; ou seja, tornar-se *celebridade*. Assim, a autobiografia permite a reflexão sobre as razões dessas escolhas e a percepção dos elos sociais a que nos prendemos – voluntária ou involuntariamente. É nesse sentido que se pode pensar na produção ou elaboração da identidade e subjetividade a partir da produção ou elaboração de autobiografias.

Um exemplo disso é o livro “Esboço de autoanálise”, de Pierre Bourdieu, que servirá para você conhecer mais sobre esse importante autor – Pierre Bourdieu – e ao mesmo tempo entender como uma análise autobiográfica pode ser realizada sem cair em autoelogio. Leia o que ele escreve ao final da obra citada:

Por que e, acima de tudo, para quem escrevi? Talvez para desencorajar as biografias e os biógrafos, como que revelando, por uma espécie de ponto de honra profissional, as informações que teria gostado de encontrar quando tentava compreender os escritores ou os artistas do passado e tentando prolongar a análise reflexiva além das descobertas genéricas proporcionada pela própria análise científica – isso sem chegar a me sacrificar à tentação (muito poderosa) de desmentir ou de refutar as deformações e as difamações, de desenganar ou de surpreender. [...]

Mas escrevi também, e talvez acima de tudo, na mira dos meus leitores mais jovens, dos quais espero que possam experimentar, por meio dessa evocação das condições históricas em que se elaborou meu trabalho, e as quais por certo se encontram bastante distanciadas, sob diferentes prismas, daquelas em que estão situados, o que pude sentir a cada vez que, no meu trabalho, logrei ‘assumir o ponto de vista do autor, como dizia Flaubert, ou seja, colocar-me em pensamento no lugar que, escritor, pintor, operário ou empregado de escritório, cada um deles ocupava no mundo social: o sentimento de apreender uma obra e uma vida no movimento necessário de sua realização, e de estar, portanto, apto a conferir-me uma apropriação ativa de ambas, simpraxia em lugar de simpatia, voltada ela mesma para a criação e a ação; acontece que, paradoxalmente, a historicização, ainda que imponha certa distância, também garante os meios de aproximar e converter um autor embalsamado e aprisionado nas bandagens mumificadas do comentário acadêmico num verdadeiro alter ego, ou melhor, num companheiro no sentido dos antigos ofícios, o qual tem problemas ao mesmo tempo triviais e vitais, como todo mundo [...]. Nunca pensei que cometesse um ato de arrogância sacrílega quando dizia que Flaubert ou Manet era alguém como eu, sem chegar a me confundir com nenhum deles, como costumam fazer tantos críticos inspirados. E nada me deixaria mais feliz do que lograr levar alguns dos meus leitores ou leitoras a reconhecer suas experiências, suas dificuldades, suas indagações, seus sofrimentos, etc., nos meus e a poder extrair dessa identificação realista, justo o oposto de uma projeção exaltada, meios de fazer e de viver um pouco melhor aquilo que vivem e fazem.



A partir da leitura dos textos abaixo, por que podemos dizer que a construção da identidade e da subjetividade do professor é resultado de um processo coletivo?

A escrita de histórias de vida e de formação “é sempre uma extensão da pessoa que se revela a si mesma e aos outros”.

(ALBERT, 1993, *apud* SOUSA, 1998b, *op. cit.*)

A autobiografia é um dos elementos que compõem um conjunto diversificado de produções sobre si, representando uma das ‘mais nobres modalidades da escritura identitária’.

(ALBERT, 1993, *apud* SOUSA, Cynthia Pereira de. Memória e autobiografia: a evocação da vida escolar nos relatos de professoras e professores. In: II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Atas – v. 2, São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1998b. p. 36-44)

A história oral e os relatos autobiográficos são metodologias que possibilitam, não somente o conhecimento das histórias de vidas, mas um processo de subjetivação, entendido como produção do sujeito.

(OLIVEIRA *et al.* 1998, *op. cit.*)

Registros e exposição de conteúdos orais

Há diferentes formas de se registrar os conteúdos orais que coletamos numa pesquisa: eles podem ser escritos, gravados por meio de aparelhos que registram apenas a voz (gravadores) ou na forma de imagens e voz ao mesmo tempo (DVD-filme).

Há também diferentes formas de expor academicamente esses registros. Por escrito, há três formas: 1. Escrever o que cada informante falou, da forma que falou, com os erros de gramática e sua forma de falar. O exemplo é o livro *Os peões do grande ABC*, de Luiz Flávio Rainho; 2. Escrever intercalando pedaços da fala do informante no texto que escrevemos, o que a maioria faz; 3. Reescrever as falas com sua própria linguagem, procurando ser o mais fiel ao que foi dito, de forma a dar fluência à leitura, cujo exemplo é o livro *Memória e sociedade-Lembrança de velhos*, de Ecléa Bosi.

Se você optar por outras formas, poderá utilizar painéis, com textos e fotografias, mas também de pequenos filmes (curtas) ou documentários.

CONHECENDO MAIS

- MAUÉS, Joserlina. *Memória, história de vida e subjetividade: perspectivas metodológicas em pesquisas educacionais.*

Link: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/30.pdf

O vídeo sobre a vida de Florestan Fernandes é uma outra forma de apresentar um relato de vida, e pode ser uma fonte de inspiração para você refletir sobre a sua formação e também uma forma de utilizar como técnica de exposição de uma pesquisa utilizando a história de vida.

- **Florestan Fernandes** – “O Mestre”.

Dir.: Roberto Stefanelli. TV Câmara.

46,24 min. (Brasil, 2004) .

Link: <http://www.camara.gov.br/internet/TVcamara/default.asp?lnk=FLORESTAN-FERNANDES-O-MESTRE&selecao=MAT&materia=13144&programa=85&velocidade=100K>

Você pode utilizar a técnica de história de vida para ensinar uma série de questões sociológicas em sala de aula. Leia o texto abaixo e faça dele uma inspiração para isso.

- MOTA, Kelly Cristine Corrêa da Silva. *História de vida como metodologia de ensino* – Comunicação exposta oralmente no GT 6 – Experiências de Ensino de Sociologia: Metodologias e Materiais Didáticos, coordenado pelo Prof. Dr. Amaury Moraes (USP), no dia 1º/06/2005, no XII Congresso Brasileiro de Sociologia, UFMG, Belo Horizonte/MG.

Link: <http://praxis.ufsc.br:8080/xmlui/handle/praxis/61>

COMO VIMOS NESTA AULA...

As técnicas de pesquisa são muitas. Aqui apontamos uma delas para que você possa avaliar como elas, além de poderem ser utilizadas para desenvolver uma pesquisa propriamente dita, podem ser utilizadas como metodologia de ensino desde que envolvam aluno(a)s no seu fazer. As histórias de vida servem para isso também.

ATIVIDADE DE AVALIAÇÃO

Neste momento, você chegou ao final da terceira aula sobre Memória e Formação, e então deverá fazer a *última versão* da *Memória de sua formação*. Ela será a sua avaliação final desta disciplina. Utilize o texto abaixo para pensar o que você já escreveu e repensar a escrita final de sua memória de formação.

O significado da metodologia da história oral e dos relatos autobiográficos está na oportunidade não só de buscar imagens instituídas dos professores em relação à sua formação, à sua escola profissional, à sua performance numa sala de aula, mas também, por meio das imagens do passado, não no sentido de ficar preso a ele, mas de poder recriar estas imagens de professor que marcaram e que ficaram registradas na sua memória.

(OLIVEIRA, Valeska Fortes de *et al.* *Imagens, docência e histórias de vida. In: II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Atas – v. 2, São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1998.*)

➔ **Observação final:** O texto final desta disciplina é a primeira parte de um trabalho que poderá ser a sua monografia no final do curso. Guarde-o com cuidado. Na segunda disciplina – Memória e Prática Docente –, você terá que redigir outro texto de avaliação, que também poderá ser mais um elemento para a construção de seu TCC – Trabalho de Conclusão do Curso.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço toanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FERNANDES, Florestan. A história de vida na investigação sociológica: a seleção dos sujeitos e suas implicações. *In: Ensaios de sociologia geral e aplicada*. São Paulo: Pioneira, 1971. p. 251-269. cap. 7.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. *In: VON SIMON, Olga de Moraes (Org.). Experimentos com história de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice/Editora da Revista dos Tribunais, 1988.

RAINHO, Luiz Flávio. *Os peões do grande ABC*. Petrópolis: Vozes, 1980.

SILVA, Marcelo K. Uma introdução à história oral. *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre, v. 9, p. 115-141.